

A HISTÓRIA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Marcia de Paula Gregorio Razzini

A idéia de que a literatura brasileira deve ser interessada (no sentido exposto) foi expressa por toda a nossa crítica tradicional, desde Ferdinand Denis e Almeida Garrett, a partir dos quais tomou-se a brasilidade, isto é, a presença de elementos descritivos locais, como traço diferencial e critério de valor. Para os românticos, a literatura brasileira começava propriamente, em virtude do tema indianista, com Durão e Basílio, reputados, por este motivo, superiores a Cláudio e Gonzaga.

ANTONIO CANDIDO, *Formação da Literatura Brasileira*. 6. ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, vol. I, p. 28.

A difusão do ideário romântico, sobretudo a busca de raízes nacionais, deu início a alguns projetos históricos que tiveram sucesso no Brasil ao longo do século XIX, como a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a montagem da história nacional, a pesquisa etnográfica e, particularmente, a configuração de nossa história literária.

Mais do que estabelecer o caráter nacional, preocupação de grande parte da produção literária romântica, pretendia-se a autonomia da literatura brasileira em relação à portuguesa, desdobrando-se muitas vezes em discussões sobre sua existência antes da inde-

pendência política. Os que a reconheciam desde os tempos coloniais não cessaram de procurar vestígios de brasilidade, traduzidos muitas vezes como topônimos, descrição de frutas, fauna, flora, nomes de índios, seus costumes e crenças.

O Uruguai (1769) de José Basílio da Gama e o *Caramuru* (1781) de Frei José de Santa Rita Durão são sempre evocados pelos primeiros críticos e historiadores literários como obras que traduziam o nosso caráter nacional e como modelos que a poesia brasileira (no caso a poesia romântica) deveria seguir. E, apesar de ambos elegerem como herói principal o colonizador português, Basílio e Durão passaram a representar de forma irreversível a literatura nacional. O destaque que mereceram estas duas epopéias marca a fundação do indianismo enquanto vertente literária entre nós.

Os primeiros historiadores de nossa literatura que defenderam o indianismo e o interesse pela natureza exuberante enquanto temas estéticos foram os estrangeiros Ferdinand Denis e Almeida Garrett.

De forma prescritiva, Ferdinand Denis afirma a importância da obra de Durão “porque reveste caráter nacional, apesar de suas imperfeições, e assinala claramente o objetivo a que deve dirigir-se a poesia americana”.¹ Os fragmentos escolhidos por Denis para ilustrar o valor do *Caramuru* destacam costumes estranhos que podiam despertar a curiosidade dos europeus, leitores potenciais de sua obra escrita em francês.²

Quanto a *O Uruguai*, Ferdinand Denis louva sua “correção de estilos”, suas “particularidades poéticas” e sua “hábil descrição no Novo Mundo”, selecionando trechos que focalizam o general Andrada e Cacambo.

Ao contrário de Ferdinand Denis, que prefere as cenas masculinas de guerra entre índios e brancos, Almeida Garrett destaca os episódios femininos, das índias de ambas epopéias que morrem por amor, dando preferência a *O Uruguai*:

Notarei por exemplo o episódio de Moema, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que belíssimas cousas da situação da amante brasileira, da do herói, do lugar, do tempo não pudera tirar o autor, se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros painéis?³

Justo elogio merece o sensível cantor da infeliz Lindóia, que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. *O Uruguai* de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase

1. DENIS, Ferdinand, *Résumé de l'Histoire Litteraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey, 1826. Apud e trad. in: CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo*. “Resumo da História Literária do Brasil”. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC/Edusp, 1978, p. 57.

2. Descrição de alguns chefes indígenas inimigos de Diogo Álvares que se põem em guerra no Canto IV, a cena do festim antropófago dos vitoriosos no Canto V e a descrição de algumas flores nativas feita por Diogo ao rei da França no Canto VII.

3. GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida, *Parnaso Lusitano ou Poesias Seletas dos Autores Portugueses Antigos e Modernos*. “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”. Paris: Aillaud, 1826. Apud. CESAR, Guilhermino. Op. cit. pp. 90-91.

pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns. Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana.⁴

4. Idem, *ibidem*, p. 91.

Desconsiderando a hipótese de coincidência e a de consenso estético (que elegesse os trechos de Lindóia e de Moema como os melhores), pode-se dizer que as opiniões de Garrett influenciaram bastante os críticos e historiadores brasileiros, principalmente sua citação das passagens que traçam o destino trágico das duas índias, pois a maioria das histórias literárias, antologias e compêndios escolares posteriores a ele passaram a repetir o trecho do Canto IV de *O Uruguai*, que narra a morte de Lindóia, e o trecho do Canto VI do *Caramuru*, que narra a morte de Moema.

João Manuel Pereira da Silva, citando Garrett, inclui estes trechos em seu *Parnaso Brasileiro* (1843).

Eles aparecem no *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850), de Francisco Adolfo de Varnhagen que retomando a crítica feita por Almeida Garrett a *O Uruguai*, de poema pouco limado, (e ao contrário deste) prefere o *Caramuru*, considerando-o um “poema mais acabado que” *O Uruguai* e que “oferece um tipo de resignação cristã, e de virtudes conjugais”.⁵

5. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850-53, 3 vols., (2. ed., Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1946, “Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil”, p. 35).

No começo de seu “Ensaio Histórico”, Varnhagen destaca o caráter civilizatório da literatura e a importância da cultura clássica, motivos que podem explicar sua preferência pelo *Caramuru*, construído nos moldes camonianos, onde a primazia heróica estava só com os brancos e os índios eram retratados como feras ignorantes:

A América, nos seus diferentes estados, deve ter uma poesia, principalmente no descritivo, só filha da contemplação de uma natureza nova e virgem; mas enganar-se-ia o que julgasse, que para ser poeta original havia que retroceder ao *abc* da arte, em vez de adotar, e possuir-se bem dos preceitos do belo, que dos antigos recebeu a Europa. O contrário podia comparar-se ao que, para buscar originalidade, desprezasse todos os elementos da civilização, todos os preceitos da religião, que nos transmitiram nossos pais. Não será um engano, por exemplo, querer produzir efeito, e ostentar patriotismo, exaltando as ações de uma caterva de canibais, que vinha assaltar uma colônia de nossos antepassados só para os devorar?⁶

6. Idem, *ibidem*, p. 15.

O Cônego Fernandes Pinheiro também inclui estes trechos no *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862), adotado no então Imperial Colégio de Pedro II em seu Curso de Retórica, Política e Literatura Nacional. Celebrando *O Uruguai* como o “primeiro poema brasílico tanto na ordem cronológica, como na perfeição da obra”,⁷ diz o Cônego do trecho de Lindóia:

Com as mais finas cores pinta Basílio da Gama a morte da *Cleópatra guarani*; e cremos que nenhuma alma sensível deixará de enternecer-se com tão patético quadro.⁸

A comparação entre Cleópatra e Lindóia é sugerida por Basílio no mesmo Canto IV que usa do epíteto “Fastosa Egípcia”. Entretanto, parece que a alcunha de “Cleópatra guarani” não teve êxito no ambiente literário. Apenas Caldas Aulete em sua *Seleção Nacional*⁹ nomeia o excerto da morte de Lindóia com o título “Morte de Cleópatra Guarani”.

Quanto ao *Caramuru*, o Cônego não apenas retoma, mas cita *ipsis litteris* Almeida Garrett e, sem descartar Paraguaçu, chama atenção para o episódio de Moema, o qual considera (ao contrário de Varnhagen) inferior ao de Lindóia:

Tempo é de falarmos do episódio de Moema, o mais bem acabado de toda a obra. Não obstante os gabos que se lhe tem feito, julgamo-lo muito inferior ao de Lindóia e descobrimos nele certo ar declamatório sumamente prejudicial ao patético que tinha em vistas produzir.¹⁰

Ferdinand Wolf, leitor de Almeida Garrett, Pereira da Silva e Varnhagen, entre outros, também insere os mesmos excertos em seu *Le Brésil Littéraire* (1863). Ao comentar as epopéias, Wolf expressa a importância delas enquanto obras formadoras do nosso caráter nacional, destacando-as como fundadoras do indianismo no Brasil:

Assim, José Basílio da Gama e Durão mais não puderam fazer que preparar Magalhães e Gonçalves Dias. Este fato exerceu uma grande influência sobre o desenvolvimento da literatura do Brasil para que o ponhamos de lado e deixemos de assinalar, em nossos dois poetas, de um lado o amor da pátria e os primeiros sintomas de sentimento nacional, e de outro lado a dependência da metrópole e suas inevitáveis conseqüências. [...]

Malgrado seus defeitos, a Durão e José Basílio cabe o mérito

7. PINHEIRO, Cônego Joaquim Castano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862, p. 416.

8. Idem, *ibidem*, p. 420.

9. AULETE, F. Júlio Caldas. *Seleção Nacional*. Curso Prático de Literatura Portuguesa. 17. ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1909.

10. Op. cit. pp. 432-433.

de terem retratado os indígenas da América muito antes de Cooper e Longfellow. Muitas das figuras que criaram, tais como Cacambo, Cepé, Jararaca, Lindóia, Paraguaçu, Moema, tornaram-se tipos na poesia brasileira. *O Uruguai* e *Caramuru* popularizaram-se dia a dia, cada vez mais, [...] ¹¹

Sílvio Romero, apesar de não incluir excertos em sua *História da Literatura Brasileira* (1888), aponta Basílio como precursor do romantismo nacional aliando sua epopeia à de Durão para atribuir aos autores o mérito de serem os preparadores da nossa Independência. Considerando os defeitos e qualidades dos dois poemas, Sílvio Romero acha o *Caramuru* superior a *O Uruguai*:

O Uruguai salva-se por ser um fragmento mais épico-lírico do que puramente épico, salva-se, repito, pela forma que faz de Basílio o genuíno precursor do romantismo nacional; [...] Há por todo o poema versos de muita beleza, como depois poucos foram escritos no Brasil. A descrição da enchente do Uruguai, a do incêndio dos campos, as proezas e morte de Cepé, o episódio de Lindóia, e outras cenas, são dos mais belos fragmentos da poesia nacional. ¹²

O Caramuru apareceu em 1781. É o poema mais brasileiro que possuímos; pela apreciação do problema étnico, pela compreensão do elemento histórico, e pelo justo equilíbrio concedido ao colono português entre os caboclos, é superior ao *Uruguai*. [...]

Tal é o sopro do patriotismo, são tão bem pintadas algumas de nossas cenas naturais e alguns de nossos fatos históricos, que o livro é tão perdurável, quanto o for a atual nação brasileira. [...] O poema tem, além disto, belos espécimens de poesia. O episódio de Moema é deste gênero. ¹³

Esta rápida passagem pelas histórias literárias dão uma idéia da recepção de críticos e historiadores para *O Uruguai* e o *Caramuru* no século XIX. Com o passar do tempo a quantidade de excertos escolhidos nas antologias foi rareando, especialmente nas escolares, como na de Mello Moraes Filho, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, de Eugênio Werneck, sobrevivendo em algumas apenas os episódios a morte de Lindóia e da morte de Moema. ¹⁴

O Uruguai de José Basílio da Gama apesar de ter sido composto para enaltecer a posição dos portugueses na contenda entre o trono e os jesuítas pela posse das Missões, acaba determinando a

11. WOLF, Ferdinand. *Le Brésil Littéraire – Histoire de la Littérature Brésilienne*. Berlim: A. Asher & Co., 1863. Apud CÉSAR, Guilhermino. Op. cit., pp. 159-160.

12. ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 7. ed., Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980, v. 2, p. 418.

13. Idem, *ibidem*, p. 420.

14. Foi observada também a presença dos trechos de Lindóia e de Moema em antologias contemporâneas como a de Péricles Eugênio da Silva Ramos, Massaud Moisés, Sérgio Buarque de Holanda, Marques Rebelo e José Guilherme Merquior, e nos livros didáticos de José Maria de Souza Dantas, Jorge Miguel, Fernando Teixeira de Andrade, José de Nicola, Carlos Faraco e Marto Moura.

ascendência heróica do índio ao retratá-lo como vítima que, espoliado pelo branco jesuíta, sucumbe ao poder militar luso-espanhol numa espécie de martírio cristão.

A força poética do elemento indígena no poema de José Basílio está concentrada na defesa de sua cultura e na inviabilidade de mantê-la, sendo que a morte de Cepé e a de Cacambo são resultado imediato do confronto pela posse da terra, enquanto a morte voluntária de Lindóia representa sua fidelidade ao esposo, recusando casar-se com o branco antagonista Baldeta, o qual esperava obter desta união a autoridade de chefe que tinha Cacambo. Apesar do mérito estético, a repetição isolada nas antologias do trecho que narra a morte de Lindóia descontextualiza seu significado no poema, atenuando o conflito territorial e transformando Lindóia em típica heroína romântica.

A inferioridade dos índios em relação aos brancos, fadados ao desaparecimento, vista em *O Uruguai* como inocência, enquanto a posse das terras é disputada entre portugueses e jesuítas, é tratada no *Caramuru* de Frei José de Santa Rita Durão como superstição, índice de barbárie e justificativa da empresa colonialista. No *Caramuru* a primazia heróica está somente com o homem branco, Diogo-Caramuru, enquanto os índios opositores são retratados de forma grotesca e os índios aliados como medrosos e subservientes.

É importante assinalar que o trecho mais repetido do *Caramuru* nas antologias põe em evidência uma personagem secundária, a índia Moema, deslocando a personagem central, Paraguaçu-Catarina, que para figurar como heroína no poema sofrera um processo de branqueamento, com características físicas e morais de branca civilizada, cuja missão era casar-se com Diogo fundando uma descendência mestiça ao mesmo tempo que dava como dote a licença dos índios para a exploração colonial. O episódio da morte de Moema é periférico no poema e serve para ilustrar sua barbárie, de não querer aceitar a monogamia de Diogo,¹⁵ entretanto a cena isolada faz da índia sua amante.

A repetição dos trechos de Lindóia e de Moema no século XIX parece ligar o culto romântico de heroínas nativas com alguma neutralização dos confrontos pela posse da terra determinando, de certa forma, o gosto dos leitores de antologias e propiciando a recepção da literatura indianista.

A permanência destes trechos contribui para que sejam considerados símbolos das obras que exemplificam, uma espécie de emblema do caráter nacional prescrito pela história literária romântica e nunca contestado, sinalizando uma certa tradição que até nossos dias forma o gosto do estudante de literatura brasileira.

15. Apesar dos cronistas, os quais o autor se baseou para escrever a epopéia, dizerem o contrário, Santa Rita Durão retrata Diogo Álvares fiel a Paraguaçu.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Fernando Teixeira de. *Literatura I – Coleção Objetivo*. São Paulo: CERED, 1987. (Curso e Colégio Objetivo, SP)
- AULETE, F. Julio Caldas. *Seleção nacional*. Curso prático de literatura portuguesa. 17. ed., Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1909.
- BARRETO, Fausto & LAET, Carlos de. *Antologia nacional*. 6. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC/Edusp, 1978.
- DANTAS, José Maria de Souza. *Novo manual de literatura*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- DURÃO, Frei José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.
- FARACO, Carlos E. & MOURA, Marto de. *Língua e literatura – Segundo grau*. 24. ed., São Paulo, Ática, 1990, v. 1. (Escola Nossa Senhora das Graças, SP)
- GAMA, José Basílio da. *O Uruguai*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1941.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. (Breve história da literatura brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MIGUEL, Jorge. *Curso de literatura*. São Paulo: Harbra, 1986. (Colégio Rio Branco, SP)
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1983, v. 1.
- _____. *A Literatura brasileira através dos textos*. 1. ed., São Paulo: Cultrix, 1986.
- MORAES FILHO, Mello. *Curso de literatura brasileira*. 4. ed., Rio de Janeiro: Garnier, 1902.
- NICOLA, José de. *Literatura brasileira*. 7. ed., São Paulo: Scipione, 1987. (Colégio Oswald de Andrade, SP)
- PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia do ouro – Os mais belos versos da “Escola Mineira”*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- REBELO, Marques. *Antologia escolar brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, 1967.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7. ed., Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980.
- SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. 2. ed., Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1946.
- WERNECK, Eugênio. *Antologia brasileira*. 12. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927.

